

“Se tivesse acontecido há uns 20 anos, talvez o sucesso me perturbasse”

JL: Como tem sido continuar a escrever depois de um sucesso tão grande como *O filho eterno*?

Cristovão Tezza: Se o sucesso tivesse acontecido há uns 20 anos, talvez eu me perturbasse. (Risos.) Mas, como já tenho o couro engrossado por minha história e pelos livros publicados, o sucesso apenas me tirou um pouco de tempo. Por isso demorei de 2007 para cá, para escrever outro romance. Mas está saindo agora, no dia 15 de outubro; chama-se *O erro emocional* (Editora Record). O lançamento será no dia 21, em Curitiba. Certamente eu vou passar alguns meses viajando com o livro. O problema para escrevê-lo era tempo.

Qual é o tema do novo romance?

É uma história de amor, um livro completamente diferente de *O filho eterno*. De certa forma, retoma a linha literária de *O Fotógrafo*. Não tem nada de autobiográfico. É mais um ponto de maturação da minha literatura.

O que mudou em sua vida desde *O filho eterno*?

Este ano eu saí da universidade, faltava muito tempo para a aposentadoria, e eu não conseguia mais conciliar as aulas e o trabalho de escritor. Agora eu sou um livre-atirador.

Mas continua publicando as crônicas semanais na *Gazeta do Povo*...

É o meu único trabalho fixo. Eu virei um cronista tardio, depois dos 50 anos. A experiência da crônica é engraçada e nova para mim; eu nunca trabalhei antes em jornal. Quem tem 20, 30 anos de jornal tem mais leveza. Para mim, sair da literatura e do ensaio, do trabalho acadêmico, para uma página três de jornal – foi uma aventura. Mas estou gostando. A resposta dos leitores é instantâ-

Jornal de Londrina

22/set/2010



“A internet tem vários aspectos. Primeiro, a absoluta imprevisibilidade. Nunca ninguém imaginou algo parecido com a internet e os seus efeitos, como a descentralização que ela representa. Segundo, o Brasil tem uma cultura ágrafa, o país foi educado pela televisão.”

Cristovão Tezza, escritor

Entrevista a Paulo Briguet

nea. O jornal é um veículo muito quente. Escrevo uma crônica e no mesmo dia recebo e-mails de leitores. É diferente da literatura: na crônica, o autor tem que pensar no leitor de uma forma muito objetiva. Em crônica cabe tudo: temas literários, semiliterários, culturais, até eventualmente arrisco alguma coisa na área de política. O cronista é alguém que vê o mundo, o dia a dia.

Nestes dois anos de crônica, qual foi a maior surpresa?

Às vezes há crônicas que eu acho que vão ter uma grande resposta, e passam em absoluto silêncio, ninguém fala. Outras, eu tenho a impressão que estou só cumprindo tabela e vem uma repercussão imensa. As crônicas de humor e futebol têm muita resposta. Uma delas foi a do dentista coxa-branca. E outra foi sobre o Lada, um carro de fabricação soviética que eu tive.

Essas duas tiveram uma imensa quantidade de respostas. E, pela internet, é curioso, porque a crônica tem uma sobrevivência: depois de vários meses, a crônica ainda gera comentários. Temas políticos geram respostas às vezes violentas. É sempre uma surpresa: você nunca sabe como o leitor vai reagir. Mas a vida do cronista é assim mesmo: ele bota a cara na janela.

O cronista alimenta o romancista?

Eu separo bem as duas coisas. Mas, com certeza, é a experiência do cronista talvez se reflita na hora de escrever romances. Mas são linguagens bastante diferentes. Eu não tenho nada de cronista na minha literatura; o tipo de densidade, o tipo de olhar. E depois a literatura é feita em solidão; você não pensa em leitor, o leitor é você mesmo, você escreve o livro que gostaria de ler. Já a crônica, não. A crônica é um texto

social; você fala em voz alta, invade a casa das pessoas. Jornal é um negócio escancarado. A sua liberdade é relativa. Na crônica, você não pode dizer qualquer coisa, você nunca está sozinho. Há sempre os temas do momento, uma circunstância imediata que na literatura é mais sutil e distante.

Leitura combina com internet?

Ao contrário de muita gente, eu sou um otimista com relação à internet. Não acredito em teorias apocalípticas. A internet tem vários aspectos. Primeiro, a absoluta imprevisibilidade. Nunca ninguém imaginou algo parecido com a internet e os seus efeitos, como a descentralização que ela representa. Segundo, o Brasil tem uma cultura ágrafa, o país foi educado pela televisão. A partir dos anos 70, o agente civilizador do país foi a televisão, não o livro. A internet inverte esse processo. Hoje, qualquer página da internet tem algo escrito. E você tem a compulsão de escrever e responder. Estamos no olho do furacão, não sabemos como será daqui a dez anos. Para a literatura, foi uma mão na roda. Alavancou a produção literária, não necessariamente em termos de qualidade, mas em circulação das ideias.

Quais são as suas manzanas literárias? Você tem um cânone pessoal?

Leituras de infância me marcaram muito, como Monteiro Lobato, Júlio Verne, Conan Doyle. Eram autores racionalizantes, explicadores do mundo, “realistas”. E hoje há uma geração mágica, mística, transcendente. Sempre fui fascinado pela narrativa e pelas tentativas de representação da realidade. Minha literatura é menos poética e mais realista. O amor pela narrativa, por uma história bem contada, sempre me marcou muito.